



## AVALIAÇÃO DE ALUNOS SOBRE METODOLOGIAS ATIVAS EM CURSOS A DISTÂNCIA

### EVALUATION AND SUGGESTIONS OF ACTIVE METHODOLOGIES BY DISTANCE COURSE STUDENTS

**Solimar Garcia**

**DOI: 10.5281/zenodo.8198196**

#### **Resumo**

A educação a distância para o ensino superior, além de um diploma universitário, significa inclusão social e mudança da realidade para pessoas que necessitam estudar e estão em locais de difícil acesso ao ensino de qualidade, associados à dificuldade de locomoção das grandes cidades fazem da educação a distância a modalidade que mais cresce na escolha dos estudantes para a realização de curso superior. A pandemia de Covid-19 trouxe o formato a distância também para os cursos presenciais e intensificou a necessidade de ferramentas adequadas para avaliação dos educandos nos cursos EAD. Trazer mais qualidade à modalidade tem sido o foco dos estudos em EAD. O uso de metodologias ativas adequadas toma forma em maior número de instituições. O objetivo deste estudo é avaliar as metodologias ativas que possam tornar mais fácil o aprendizado dos estudantes e, com essa análise, apresentar o uso de atividades que melhorem a qualidade do ensino e dos cursos a distância. Este trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, do Censo Abed 2019 e um estudo de campo, com a distribuição de questionários pelas mídias sociais a uma amostra disponível e conveniente à pesquisadora, e que resultou em 110 respostas analisadas. Alguns resultados mostram que os estudantes, apesar de compreenderem que as metodologias ativas são facilitadoras de seu aprendizado, ainda preferem as metodologias tradicionais, com a presença do professor expositivo. O trabalho mostra ainda uma comparação simples da aplicação das múltiplas inteligências de Gardner, que podem representar melhorias inovadoras para a educação a distância.

**Palavras-Chave:** Censo ABED; Projetos em EAD; Ferramentas colaborativas.; Tendências EaD

#### **Abstract**

Higher education beyond a university degree means quality education in hard-to-reach places of education, also as the traffic in big cities makes the learning distance what fastest growing modality in the choice of students for higher education. The current difficulties such as lack of time, long distances, and intense traffic, coupled with affordable prices and quality education make a combination that make distance education the fastest growing genre among students. The Covid-19 pandemic brought the distance format also to on-site courses and intensified the need for adequate tools to assess students of the distance learning courses. Incorporating more



quality into the modality has been the focus of EAD studies today. For this, the use of appropriate active methodologies is taking shape in a greater number of institutions. The objective of this study was to evaluate the active methodologies that can make learning easier for students and, with this analysis, to present the use of activities that improve the quality of learning, as well as distance learning. This work was carried out by means of bibliographic research, of the Abed 2019 Census and a field study, with the distribution of questionnaires by social networks to an available sample and convenient to the researcher, which resulted in 11 responses obtained and analyzed. Some results show that students, although they understand that active activities facilitate their learning, still prefer traditional methodologies, with the presence of the expository teacher. The paper still shows a simple comparison of the application of the multiple intelligences of Gardner, that can represent innovative improvements to distance learning.

**Keywords:** ABED Census; Distance learning projects; Collaborative tools; Trends in distance education

## INTRODUÇÃO

A criação de variados cursos a distância em todas as áreas, sobretudo no início do século XXI, com maior flexibilidade, redução de deslocamentos e menor preço ganharam a preferência dos e ao crescimento da modalidade. No Brasil, em 2020, eram 2.306 instituições privadas e 302 públicas, com 8.604.526 alunos, 75% (6.524.108 alunos) na rede privada, e do total, 51% estudavam a distância (GOV, 2020). Facilitaram o acesso a cobertura de 67% da população com internet e os smartphones com 71% dos que acessam a internet (EAD.BR, 2021).

A educação a distância tem caráter inclusivo, porque os estudantes possuem um perfil de ‘trabalhadores que estudam’ e não de ‘estudantes que trabalham’, são mais velhos do que os que estudam presencialmente e a maioria são mulheres (TARCIA et al., 2017). Em 2016, os dados do Censo EAD.BR mostravam uma concentração de estudantes nas faixas de 26 a 30 anos e de 31 a 40 anos (ABED, 2016).

A pandemia contribuiu para popularizar ainda mais a educação a distância, levando a um aumento de 50% nas matrículas, porém elevou também os números da evasão (ABED, 2021), deixando ainda mais evidente as desigualdades na educação.

Apesar dessas informações, a troca do ensino presencial pela educação a distância não é uma unanimidade entre os estudiosos e professores, mas reconhece-se que ela pode contribuir para ampliar o acesso ao ensino superior, com o uso das tecnologias digitais, mesmo que essa ateste a desigualdade no país.



O objetivo desse estudo é contribuir com a área da educação a distância de forma contundente, ao avaliar a visão dos alunos sobre seus cursos a distância, trazendo ainda suas sugestões de atividades que facilitem o seu aprendizado, ao responder a pergunta: as atividades das instituições de ensino estão contribuindo para a melhoria do aprendizado dos alunos e alunas que estudam a distância?

### **1.1 Metodologias ativas a distância**

Mattar (2021) avaliou livros recentes que apresentam o uso das metodologias ativas de uma forma geral (BACICH; MORAN, 2018; CAVALCANTI; FILATRO, 2018; MATTAR, 2017). Essas metodologias “convidam o aluno a abandonar sua posição receptora e participar do processo de aprendizagem” (MATTAR, 2017, p. 22). O autor discute metodologias que estão entre as mais reconhecidas, em sua visão: “sala de aula invertida, método do caso, aprendizagem baseada em problemas e aprendizagem baseada em projetos” MATTAR, 2021, p. 5).

Autores como Gardner (2000) e as múltiplas inteligências, ou Bloom (1956), que compreende a cognição por habilidades hierarquizadas, conforme o grau de complexidade e Glasser (1986), que apresenta a ênfase nos sentidos utilizados na aprendizagem, podem contribuir para avaliar as metodologias ativas na EaD.

As metodologias ativas não são novidade da era da internet já são aplicadas há tempos (DIESEL et al., 2017). Menezes (2012) aponta que a Universidade de Harvard utiliza o método caso desde o final do século XIX na Escola de Direito, que foi ampliado para a Escola de Administração. Após o avanço da internet passaram a ser utilizadas de forma mais intensa (VALENTE, 2014) e possibilitaram atividades e formatos inovadores.

Valente (2019) avaliou a importância da tecnologia e das ferramentas de educação a distância para a aplicação de metodologias ativas. Em sua pesquisa, o autor estudou os trabalhos de alunos de um curso de midialogia, realizados entre 2007 e 2016, utilizando sala de aula invertida e aprendizagem baseada em projetos. Os resultados atestaram que o aproveitamento e a produção dos alunos foram de boa qualidade, e que essas turmas tiveram insignificante índice de evasão e de reprovação.

Valente (2019) corroborou Fonseca e Mattar (2017), que identificaram uma relação entre a participação nas atividades propostas e os resultados positivos dos alunos, com o desenvolvimento de pensamento crítico e reflexivo, valores éticos, entre outros.

## **2. METODOLOGIA**

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com parecer n.º 2.678.570, e foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica e uma investigação prática de um fenômeno



atual e contemporâneo em seu contexto real (YIN, 2010). Optou-se por uma pesquisa qualitativa, com a análise de experiências de pessoas ou grupos advindas de práticas cotidianas (FLICK, 2009). Assim, avaliou-se as metodologias ativas oferecidas aos estudantes, confrontando-as com suas preferências.

Após avaliar a visão de professores e tutores sobre as metodologias ativas utilizadas em EaD (GARCIA, 2018), buscou-se a visão dos estudantes sobre o tema para conhecer suas preferências na forma de aprender. Buscou-se ainda coletar sugestões dos alunos para melhorias nas atividades de professores e tutores a distância.

Um questionário online com perguntas abertas foi criado na ferramenta Formulários do Google, que foi divulgado e distribuído em comunidades de alunos de diversos cursos pelas redes sociais, a uma amostra conveniente e disponível à pesquisadora, das quais foram escolhidas, aleatoriamente, 11 respostas de estudantes. Os dados coletados foram analisados e confrontados com os autores na avaliação das metodologias ativas na EaD.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na aplicação das metodologias ativas, as aulas expositivas deixam de ser o modelo principal a ser adotado, pois não contribuem para a autonomia do estudante, nem para a reconstrução do conhecimento e o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo. Para atingir esse objetivo, o trabalho em equipe deve ser priorizado, com a interação constante com o professor e com os colegas, buscando posicionamentos, argumentos e opiniões para suas ideias, usando o material didático interdisciplinar com exemplos reais como apoio ao debate, à criatividade, à fixação de conteúdos e à resolução de problemas complexos da realidade.

Glasser (1986) apresentou que as pessoas aprendem de diferentes formas, conforme a ênfase nos sentidos utilizados na aprendizagem, como a visão, a audição e o tato.

#### **3.1 Metodologias ativas em educação**

Fonseca e Mattar (2017, p. 185) referem as metodologias ativas como um conceito amplo, com estratégias de aplicações em solução de problemas, criação de projetos, pares para aprendizagem (ou peer instruction), design thinking, método caso e sala de aula invertida (flipped classroom), dentre outras.

Encontradas na literatura e apresentadas por Fonseca e Mattar (2017) pode-se citar ainda os games e a gamificação (MATTAR e NESTERIUK, 2016); estudo de caso, simulações e seminários (PINTO et al., 2013); objetos virtuais de aprendizagem (ALVAREZ, 2009); problematização com o Arco de Maguerez (BERBEL, 2011); encontro presencial (GOUVÊA et al, 2016a); e ferramenta glossário (GOUVÊA et al, 2016b).



A maioria dessas experiências podem ser replicadas no ensino a distância com a preparação adequada das atividades (SILVA, 2013), que indica ainda as dramatizações (role playing) e a prototipagem de produtos e serviços, proposta pelo design thinking.

Pode-se complementar ainda as ideias acima com a criação de aplicativos com alto nível de interatividade em sala de aula, ou remotamente, com alunos e professores em atividades síncronas ou assíncronas, conforme já tem sido utilizado para a aprendizagem da área da saúde. As TDICs facilitam essas aplicações para a solução dos problemas apresentados.

### 3.2 Aplicações das metodologias ativas nas instituições

As universidades entendem a necessidade de inovar nos métodos pedagógicos como fator importante, mas seu uso ainda é tímido e abordado como transposição do ensino presencial para a educação a distância: 75% das instituições, oferecem teleaulas e textos digitais produzidos internamente, com indicação de repositórios próprios (ABED, 2016). O uso das TDICs podem levar o aluno a construir o próprio conhecimento e à ressignificação e transformação do aprendizado (VALENTE, 1998).

Cerca de 73% - maioria das instituições pesquisadas pelo Censo Abed (ABED, 2016) concorda com a eficácia e a capacidade criativa e produtiva dos estudantes quanto ao uso das metodologias ativas, apresentando as seguintes ofertas em seus cursos (ABED, 2016), no entanto, ao se aplicar livremente a taxonomia de Bloom aos tipos de metodologias oferecidas, tem-se (Figura 1):

Figura 1 – Metodologias ativas ofertadas pelas instituições adaptadas à taxonomia de Bloom



\*Porcentagens do total de instituições que responderam ao Censo Abed 2016.

Fonte: a autora.



Por essa aplicação de Bloom, pode-se inferir que a oferta das instituições não leva o aluno ao topo do conhecimento e da subjetividade, no qual torna-se capaz de avaliar, julgar e criar ideias a respeito dos temas estudados.

Apesar da avaliação positiva de suas ações, as instituições pouco oferecem aos alunos metodologias que os levem à participação do processo de aprendizagem, confrontando a ideia de Mattar (2017), que afirma ser imprescindível essa condição para a eficácia das metodologias ativas. Além disso, as instituições não nomeiam adequadamente suas ofertas, ao comentar sobre metodologias ativas, cujas mais utilizadas na visão de Mattar (2021, p. 5), que estão indicadas na introdução: “sala de aula invertida, método do caso, aprendizagem baseada em problemas e aprendizagem baseada em projetos”.

Da mesma forma, ao adaptar a teoria de Glasser às metodologias utilizadas em educação pode-se observar a composição mostrada na figura 2.

Figura 2 – Adaptação da pirâmide da aprendizagem de Glasser



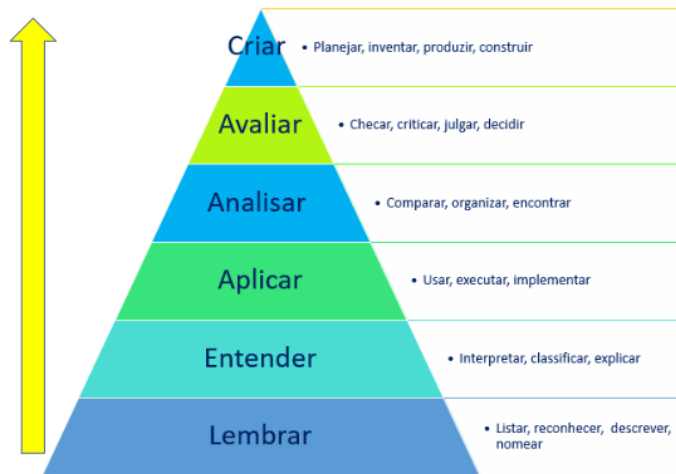
Fonte: adaptado de Pirâmide de aprendizagem de William Glasser (1986) e *National Training Laboratories Bethel*, Maine, apud Garcia (2018).

Fonte: elaborado pela autora.

Retomando as ideias de Gardner e Bloom pode-se pensar numa pirâmide adaptada como mostra a Figura 3, conforme o grau de complexidade de seu processamento. Nessa hierarquia, o conhecimento é o nível mais primário, e a criação, o nível mais complexo.



Figura 3 – Taxonomia de Bloom



Fonte: adaptada de Bloom *apud* Churches (2023)

- Inteligência linguística: capacidade de usar a linguagem para expressar e avaliar significados complexos.
- Inteligência interpessoal: capacidade de compreender e interagir efetivamente com o outro.
- Inteligência intrapessoal: capacidade de construir uma percepção acurada de si mesmo e de usá-la no direcionamento de sua vida.
- Inteligência naturalista: capacidade de reconhecer padrões na natureza, identificando e classificando seres e objetos.
- Inteligência lógico-matemática: capacidade de trabalhar com hipóteses e de realizar operações matemáticas complexas.
- Inteligência visoespacial: capacidade de perceber, criar, transformar imagens e movimentos de objetos no espaço.
- Inteligência corpo-cinestésica: capacidade de manipular objetos, sintonizando-os a determinadas habilidades físicas.
- Inteligência musical: capacidade de lidar com a entonação, com a melodia e com o ritmo.

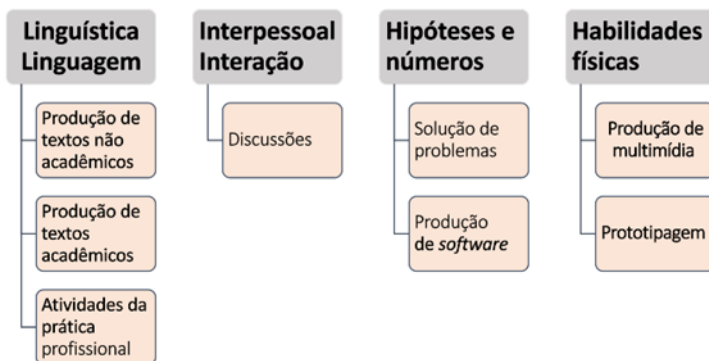
Gardner (2000), ao contestar a forma como se compreende o mundo e a cognição humana, apresentou oito tipos de inteligências diferentes e complementares entre si, que se manifestam no ser humano com predominância de uma ou várias dessas formas.

Numa interpretação livre da autora, ao aplicar a oferta das instituições às inteligências múltiplas de Gardner, o resultado é ainda mais alarmante, uma vez que se ocupa apenas da



metade delas (Figura 4).

Figura 4: O uso de Gardner nas metodologias ofertadas pelas instituições



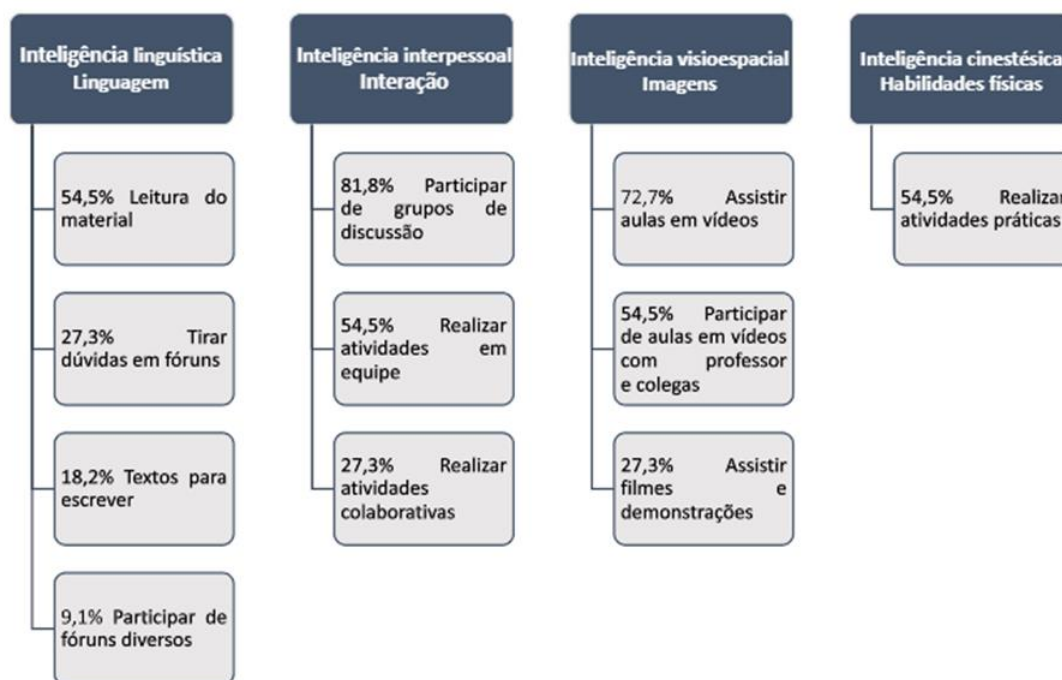
Fonte: elaborada pela autora.

Nessa avaliação, apenas quatro inteligências são contempladas: linguística, interpessoal, matemática e cinestésica.

### 3.3 Análise da pesquisa com os estudantes

Apesar da abordagem qualitativa do estudo, optou-se por apresentar percentuais para a melhor comparação entre o que é oferecido pelas instituições e os anseios dos estudantes, que tiveram a prerrogativa de marcar livremente as metodologias apresentadas, o que explica a não totalização em 100% (Figura 5).

Figura 5: O uso de Bloom nas metodologias preferidas pelos alunos



Fonte: elaborada pela autora.





Os dois formatos mais citados: ‘assistir aulas em vídeos’ (72,7%) e ‘participar de grupos de discussão’ (81,8%) se misturam entre as possibilidades de metodologias passivas e ativas de aprendizagem, conforme a adaptação da pirâmide de Glasser (Figura xX instituições).

Na livre aplicação de Glasser temos que:

- 10% quando leem (material instrucional, livros-textos, apostilas);
- 20% quando ouvem (aulas expositivas em teleaulas, videoaulas);
- 30% quando observam (imagens, materiais instrucionais de aulas);
- 50% quando veem e ouvem (quando assistem teleaulas, videoaulas);
- 70% quando discutem com outros (quando participam de webconferências, videochats, realizam atividades em grupos);
- 80% quando fazem (realizam atividades práticas, atividades em grupo);
- 95% quando ensinam aos outros (discutem em grupo, com os professores, ensinam nos fóruns e webconferências).

As sugestões apresentadas pelos estudantes foram as seguintes, em resposta à questão aberta sobre sua preferência quanto a aprendizagem:

- Vídeos informativos
- Videoaulas ao vivo
- Videoaula mais completa
- Videoaula com casos práticos, dia a dia
- Professor falar de forma clara e didática
- Aprofundamento no conteúdo
- Testes online
- Exercícios de laboratório
- Situações-problema para serem resolvidos em grupo ou individualmente.
- Portfólios para exposição de resultados.
- Pontuação nos fóruns para haver mais integração estudantes e docentes
- Todos os métodos foram suficientes

Sugestões de atividades e atitudes apresentadas sobre o que estudante sente falta em seu curso a distância:

- Um tutor presencial para tirar dúvidas.
- Um apoio a mais, dependendo da matéria, pois tem professores nas videoaulas que têm uma dinâmica não muito confortável para todos.



- Ter professores que ensinam melhor.
- A parte de vídeos do EAD deixa muito a desejar.
- Aprofundar mais no assunto.
- Para ter uma ideia, veja videoaulas de curso para concurso.
- Interação em reuniões online, com mais frequência.
- Participação em chats e fóruns de discussão (reais)
- Colocar em contato estudantes do Brasil inteiro, com interação de diversos docentes do curso.
- Deveriam compor a nota, com pesos e medidas, para não ficar somente nas questões objetivas dos questionários e provas
- Integração entre os estudantes
- Falar com o professor e com os colegas
- Interatividade com professor
- Contato físico: olhar nos olhos
- Falta tempo para maior dedicação
- Nada.

Com esse resultado, pode-se depreender que os estudantes ainda estão acostumados a receber o conhecimento, mas começam a dar crédito às formas ativas de estudo, como a troca de ideias nos fóruns de discussão, participação em webconferências com professores e estudantes, bem como com a necessidade de maior integração entre os estudantes.

O resultado contradiz Valente (1998), que apresenta a importância de o professor adotar as TDICs de forma construcionista, para que o estudante interaja com a máquina e possa construir os conhecimentos de forma autônoma.

O foco no conteúdo e não no aprendizado aparece em sugestões como: ‘professor falar de forma clara e didática’, ‘ter professores que ensinam melhor’, ‘um tutor presencial para tirar dúvidas’, ‘mais explicações e dinamismo do professor que apresenta a videoaula’, ‘aprofundamento no conteúdo’, ‘testes online’ e eliminar provas com de teste e dissertativas’. Alguns itens, no entanto, ressaltam um caminho para a necessidade de uso das metodologias ativas: ‘pontuação nos fóruns para haver mais integração estudantes e docentes’, ‘exercícios tipo laboratório com situações-problema para serem resolvidos em grupo ou individualmente’ e ‘portfólios para exposição de resultados’, ‘interação em reuniões online, com mais frequência’.



A abordagem em narrativas digitais pode ser explorada pelas metodologias ativas e uma forma de atualizar o ato de contar histórias, com recursos audiovisuais e tecnológicos. Valente (2014) elenca diversas práticas de digital storytelling na educação, como Yuksel *et al.* (2011), que apresentam um quadro geral sobre os usos educacionais das narrativas digitais no auxílio do processo educacional.

Corroborando Gardner (2000), a EaD pode ser palco para experimentações diversas com a aplicação de atividades que utilizem os oito tipos de inteligência, dadas as condições de imagem e som que são utilizadas no formato EaD na maioria das instituições.

A tendência de misturar as duas metodologias se mantém ainda nos outros itens que mais foram citados, na sequência: leitura do material, participar de aulas em vídeos com professor e colegas, realizar atividades em equipe e realizar atividades práticas, todos com indicações de 54,5% dos respondentes. Exceto por leitura de material, que é uma atividade passiva, as outras representam aprendizado por metodologias ativas.

Os vídeos, tão populares entre os jovens e internautas em geral, com apresentadores que rapidamente se transformam em celebridades: os youtubers que emergem da internet de um dia para o outro ainda não têm seu uso consolidado pelas universidades como forma de comunicação, que é feita quase exclusivamente com materiais instrucionistas, sob a forma de teleaulas, videoaulas ou similares.

Na educação superior em geral e na EaD, os cursos online e abertos (MOOCs - da sigla em inglês, curso on-line aberto e massivo) e os recursos educacionais abertos (REA) se consolidam. Esses recursos são utilizados de forma até exaustiva, jogando para o estudante toda a responsabilidade sobre a aquisição de seus conhecimentos, o que destoia do que se espera de um curso a distância que precisa do suporte ou facilitação de professores e tutores.

O anseio do estudante, no entanto, é que ele possa ser munido de mais vídeos, conforme citaram nas respostas: ‘vídeos informativos’, ‘videoaulas ao vivo’, ‘videoaula mais completa’ e ‘videoaula com casos práticos do dia a dia profissional’. Algumas respostas sugeriram que se assista a vídeos de cursos realizados para concursos e os estudantes enviaram links como exemplo. Observa-se que a sugestão é para que os professores possam ter características mais de comunicadores do que de professores, ao sugerirem que se observe tais vídeos.

Surgem agora os cursos rápidos voltados para o mercado de trabalho, chamados nanodegrees, a novidade atual. O ensino híbrido, que se utiliza do conceito de sala de aula invertida (flipped classroom) e as metodologias ativas prometem as mudanças e as inovações



esperadas para a educação (ABED, 2016).

O resultado dessa pesquisa corrobora Longo (2016), que aponta um hibridismo entre as duas modalidades, presencial e a distância, como um futuro possível para a educação em todos os níveis, sobretudo no ensino superior, ao delinear uma tendência de misturar as metodologias de aprendizagem.

Ao compreender Gardner e Glasser, pode-se dizer que as abordagens em educação a distância poderiam atuar aguçando os sentidos dos estudantes, elaborando formas de ensinar que possam abordar todas as inteligências e as maneiras como se aprende.

Valente (2014) apresenta o uso das TDICs e metodologias, que podem substituir as atividades feitas pelo estudante no papel, por meio de ferramentas digitais: a simulação e as narrativas digitais. O uso das narrativas, que não é novo, ganhou a possibilidade da combinação de mídias, como os smartphones e os laptops dotados de câmera fotográfica, de vídeo, gravador de som e microfones para a criação individual ou conjunta de narrativas digitais (ALMEIDA e VALENTE, 2012).

Os aplicativos de manipulação de imagens para criação de apresentações e vídeos contribuem para o trabalho colaborativo entre os participantes envolvidos na produção: estudantes, equipes, professores, pessoas hábeis em tecnologia, mesmo que não sejam técnicos especializados. Aplicativos e ferramentas simples e sofisticadas, conforme o grau de conhecimento dos autores, que podem encontrar de forma gratuita na internet os softwares para produzir blogs, Flash, Movie Maker, Prezi e PowerPoint, esse que é dos pioneiros para a criação de arte em apresentações profissionais e que ajudam na produção conjunta de narrativas (ALMEIDA e VALENTE, 2012).

Os autores chamam a atenção para as muitas possibilidades de produção de narrativas digitais, do inglês, digital storytelling, como histórias e relatos digitais, narrativas interativas, multimídia ou multimidiáticas (ALMEIDA e VALENTE, 2012, p. 155).

Além dos aplicativos para manipulação de imagens, outros ainda podem ser encontrados para auxiliar em diversas atividades, como a criação de propagandas, de apps e jogos para celular, de jogos para celular entre outros.

A metodologia do *design thinking* revela-se como integradora de colaboração multidisciplinar e interativa para a criação de produtos, sistemas e serviços inovadores, quando o foco é o usuário final.

Esse estudo compartilha ainda a visão de Valente (2019) que compreende a integração



das tecnologias digitais às metodologias ativas um fator importante para a aprendizagem dos alunos, uma vez que eles já estão familiarizados com as tecnologias e possuem informações abundantes sobre os temas e sobre suas necessidades de aprendizado e de formação.

Como na visão de Freire (1970), apresentada também por Valente (2019), o que move esses estudantes é poder superar desafios, resolver problemas em casos reais e contextualizados pela realidade, com a oportunidade de construir novos conhecimentos.

Da mesma forma, esse estudo corrobora Fonseca e Mattar (2017), que apresenta que apesar de as metodologias sejam capazes de promover a aprendizagem em EaD, existem ainda barreiras a serem enfrentadas, como os “problemas de adaptação à metodologia; dificuldades de utilização de ambientes virtuais de aprendizagem; falta de fundamentação nas discussões; dificuldade de desenvolver a autonomia; e evasão”.

#### **4. COMENTÁRIOS FINAIS**

Pelo resultado dessa pesquisa pôde-se observar que, apesar dos esforços pela autonomia e responsabilidade do estudante na construção de seu conhecimento, o que ele espera ainda é a transmissão do conhecimento por parte do professor, fazendo os alunos, pouco ou nada para adquirir seu aprendizado, apesar da independência e autodidatismo maior, em relação aos alunos presenciais.

A falta de familiaridade com metodologias que os coloquem como responsáveis pelo próprio aprendizado, apesar do avanço tecnológico que possibilitou o oferecimento em larga escala da educação a distância, que já suplanta os números da educação presencial, tem, por outro lado, a falta de preparo do professor para as mudanças oriundas das TDICs, não revertendo, nos dois casos uma melhoria na qualidade do ensino e da aprendizagem a distância.

Apesar dos estudos em educação sugerirem que o professor tenha cada vez mais uma postura de orientador e facilitador e não mais de simples transmissor de conhecimento, o resultado dessa pesquisa apresenta um contrassenso: o desenvolvimento tecnológico atingiu rapidamente as fronteiras do conhecimento, porém encontrou um estudante ainda em contato com as velhas formas de ensino, mantendo os velhos papéis de quem ensina e de quem aprende. Há um descompasso na transição para as novas formas de ensino.

Por outro lado, as mudanças precisam partir das instituições, uma vez que os cursos e as metodologias utilizadas são oferecidos em pacotes fechados, com a atuação do professor e tutor quase sempre bastante restrita pelas regras de uso das ferramentas. Não há espaço para criar e nem para utilizar metodologias diferentes das que são propostas na concepção de educação da



universidade.

Requer atenção o fato de que a oferta de cursos a distância não garante metodologias ativas de aprendizagem e menos ainda a autonomia do estudante. Como se pôde observar, a utilização das metodologias ativas ainda não é realidade nem no ensino presencial e está ainda mais longe de ser aplicado nos cursos a distância, uma equação difícil de entender, pois EaD já tem as ferramentas tecnológicas, sejam na instituição ou em poder do aluno.

Necessário tocar que a tecnologia sozinha não concebe uma educação de qualidade, e nem um professor sozinho o faz, seja a distância ou presencialmente. As possibilidades de utilização de metodologias ativas em EaD são muitas e ainda são uma promessa para a maioria das universidades, cujos projetos de EaD utilizam recursos limitados, desprezando o potencial das TDICs, e ainda se concentram apenas na ferramenta fórum, insuficiente e sem criatividade para explorar contribuições reflexivas e argumentos em debate de ideias.

Os professores necessitam de atualização para lidar com os desafios propostos pelas metodologias ativas e as universidades devem atualizar sua modelagem de EaD. As instituições investem mais em tecnologia do que na capacitação do corpo docente e de tutores. Corroborando essa ideia, os congressos sobre educação a distância se multiplicam e neles a grande estrela não é a informação e capacitação para os professores, mas as empresas de tecnologia e criação de conteúdo, que vendem educação a preços módicos, com professores sendo explorados na função de conteudistas, e sendo dispensados cada vez mais de suas atividades originais, sendo substituídos por sistemas de informação capazes de criar bancos de dados infinitos a serem gerenciados.

Os estudantes, no entanto, ainda não estão preparados para assumir o controle de seu aprendizado e preferem recebê-lo pronto dos professores.

Apesar de pesquisa qualitativa, apresenta como limitação, a quantidade de respostas analisadas, bem como a falta de qualificação dos estudantes, embora não se pretendesse estudar nenhuma instituição em particular. Como sequência desse estudo, sugere-se o levantamento das mesmas informações na visão dos seguintes atores: professores e tutores presenciais nos polos de EaD, administradores e gerentes dos polos, designers instrucionais e profissionais de tecnologia para compor um quadro amplo sobre o tema.

Os números e o agravamento da pandemia, que se estenderam por 2021, confirmam que estudar as metodologias de ensino da modalidade EaD, contribui para o salto de qualidade do ensino a distância, que já está consolidado no Brasil. Suas especificidades e aplicações



diferentes do ensino presencial requerem modelos especiais de metodologias ativas para utilização nas aulas, nas avaliações e na forma de comunicação com o aluno.

#### **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Universidade Paulista pela Bolsa de Pesquisa (2022-2023) e pela especialização em Formação em EaD.



## REFERÊNCIAS

ABED. Associação Brasileira de Educação a Distância. **Censo EAD Brasil 2016**. Relatório Analítico de Aprendizagem a Distância no Brasil. Censo EaDBR Abed 2016.

ABMES. Portaria permite que até 40% das graduações presenciais sejam dadas a distância (abmes.org.br). 31/12/2018. **O Globo**. Disponível em: <https://abmes.org.br/noticias/detalhe/3150>, acesso em: 21 abr. 2022.

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. **Tecnologias Digitais, Linguagens e Currículo: investigação, construção de conhecimento e produção de narrativas**. São Paulo: Coleção Agrinho, 2012.

ALVAREZ, Ana Graziela. **Objeto virtual de aprendizagem simulada em Enfermagem para a avaliação da dor aguda em adultos**. 2009. 198 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

BERBEL, Neusi. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BLOOM, B. S. et al. **Taxonomy of educational objectives**. New York: David McKay, 1956. 262 p. (v. 1).

BRASIL. **Lei 9.394/96**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. 20.11.199. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 21 abr. 2022.

Censo **EAD.BR**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2019/2020 = Censo EAD.BR: analytic report of distance learning in Brazil 2019/2020/[organização] ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância; Camila Rosa (tradutora). Curitiba: InterSaberes, 2021.

CHURCHES, A. Taxonomía de bloom para la era digital. Kristin School. 2023.

COSTA, Samuel; PRESA, Solange de Almeida da Boit. Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) nas aulas de Ciências: concepção docente e proposta de abordagem. **Revista Tecnologias na Educação**, Ano 9, Número/Vol.19- Julho 2017.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**. 2017, Volume 14, Nº 1, p. 268 – 288.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, Sandra Medeiros; MATTAR, João Augusto Neto. Metodologias ativas aplicadas à educação a distância: revisão de literature. **Revista EDaPECI São Cristóvão (SE)** v.17. n.





2, p. 185-197 mai./ago. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 51ªed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

GARCIA, Solimar. Metodologias ativas em EaD na visão dos educadores. 24º CIAED. **Anais...** Congresso Internacional ABED de Educação a Distância. Florianópolis, SC, Brasil. 2018.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas, a teoria na prática**. Porto Alegre: 2000.

GLASSER, W. **Control theory in the classroom**. New York: Perennial Library/Harper & Row Publishers, v. vi 144 pp., 1986.

GOUVÊA, Eduardo Penna et al. Metodologia ativa: estudo de caso sobre o recurso encontro presencial em curso de educação a distância. **Revista Acadêmica da Faculdade Fernão Dias**, ano 3, n. 9, p.1-14, ago. 2016a.

GOUVÊA, Eduardo Penna et al. Metodologia ativa: um estudo de caso sobre a ferramenta glossário em ambientes virtuais de educação a distância. **Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós**, ano 06, n. 22, p.1-13, 22 jun. 2016b.

LONGO, Carlos. A regulação da educação a distância e a qualidade do setor: dados de opinião. In **Censo EADBr 2016**. Associação Brasileiras de Educação a Distância, Abed. 2016.

MAGALHÃES, Mônica M. G. **A perspectiva da Linguística: linguagem, língua e fala**. Rio de Janeiro: Ed. Línguas, 2007.

MATTAR, J. **Metodologias ativas para a educação presencial, blended e a distância**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

MATTAR, João; NESTERIUK, Sérgio. Estratégias do design de games que podem ser incorporadas à educação a distância. **Ried - Revista Iberoamericana de Educación a Distancia**, v. 19, n. 2, p. 91-106, mar. 2016.

MENEZES, Maria Arlinda de Assis. Método do caso e estudo de caso: uma abordagem epistemológica. **Revista Justiça e Educação**, v.1, n. 1, p. 2-11, jul./dez. 2012.

NOBRE, Mirla. Número de matrículas em cursos a distância aumenta até 50% na pandemia. **O Povo Online**. 09.06.2021. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2021/06/09/numero-de-matriculas-em-cursos-a-distancia-aumenta-ate-50--na-pandemia.html>, acesso em: 21 abr. 2022.

PINTO, Antonio Sávio da Silva et al. O Laboratório de Metodologias Inovadoras e sua pesquisa sobre o uso de metodologias ativas pelos cursos de licenciatura do UNISAL, Lorena: estendendo o conhecimento para além da sala de aula. **Revista Ciências da Educação**, ano



XV, v. 2, n. 29, p.67–79, dez. 2013.

ROSA JUNIOR, Luiz Carlos. **Metodologias ativas de aprendizagem para a educação a distância**: uma análise didática para dinamizar sua aplicabilidade. 2015. 100 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SARDO, Pedro Miguel Garcez. **Aprendizagem baseada em problemas em reanimação cardíopulmonar no ambiente virtual de aprendizagem Moodle®**. 2007. 226p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SILVA, Salete. Aprendizagem ativa. **Ensino Superior**. 15.07.2013. Disponível em: <http://www.revistaeducacao.com.br/aprendizagem-ativa/>, acesso em: 21 abr. 2022.

STAA, Betina von. **Palestra sobre Metodologias Ativas**. Disponível em: [http://abed.org.br/dnead2016/DNEAD\\_2016\\_Betina\\_von\\_Staa.pdf](http://abed.org.br/dnead2016/DNEAD_2016_Betina_von_Staa.pdf), acesso em: 21 abr. 2022.

TARCIA, Rita Maria Lino; ARSENOVICZ, Karen Diana Macedo; FREITAS, Adriana Domingues; MACHADO, Cristiane. Os significados da qualidade na EAD. In **Censo EADBr**. Associação Brasileira de Educação a Distância, Abed. 2017.

VALENTE, José Armando. A comunicação e a educação baseada no uso das tecnologias de digitais de informação e comunicação. **Revista Unifeso – Humanas e Sociais**, v. 1, n. 1, p.141–166, 2014.

VALENTE, José Armando. A telepresença na formação de professores da área de Informática em Educação: implantando o construcionismo contextualizado. **Actas do IV Congresso Ibero-Americano de Informática na Educação**. RIBIE98, Brasília, CD-Rom, /trabalhos/232.pdt, 1998.

VALENTE, J. A. Tecnologias e educação a distância no ensino superior: uso de metodologias ativas na graduação. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 97–113, 2019. DOI: 10.35699/2238-037X.2019.9871.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

YUKSEL, P.; ROBIN, B.; MCNEIL, S. Educational uses of digital storytelling all around the world. In: KOEHLER, M.; MISHRA, P. (eds.). In **Proceedings of Society for Information Technology & Teacher Education International Conference 2011**. 2011, p. 1264-1271. Chesapeake, VA: AACE.

## AUTORES

**Solimar Garcia**

<https://orcid.org/0000-0002-5807-8041>



Escritora, pesquisadora em Gestão 4.0, Sustentabilidade, Economia circular, cadeia têxtil e de confecções, Comunicação e Marketing Digital, pós-doutora e doutora em engenharia de produção, mestra em comunicação, MBA em comunicação e marketing e possui três especializações em educação, ensino superior e educação a distância. Graduada em marketing, é jornalista e publicitária pela Fundação Cásper Líbero, atuando em diversos órgãos de imprensa, como o jornal O Estado de S. Paulo, Agência Estado e revistas especializadas. Atuou em várias empresas na área de comunicação, marketing e assessoria de imprensa, e tem ampla experiência como gerente em áreas comerciais e administrativas. Consultora e empreendedora na área de comunicação, marketing e educação, atualmente é consultora, coordenadora, docente presencial e a distância em diversas instituições, em cursos de Graduação e Pós-Graduação. Na área acadêmica, a autora é palestrante e possui vasta produção de artigos em publicações nacionais e internacionais, além de diversos livros e capítulos de livros publicados. Possui experiência relevante em grandes empresas, com mais de 30 anos de atuação profissional e na educação. Como consultora participou do desenvolvimento de projetos para grandes organizações nacionais.

**Artigo Recebido em: 13/01/2023**

**Aceito para Publicação em: 19/06/2023**

### **Para citar este trabalho:**

GARCIA, Solimar. Avaliação de alunos sobre metodologias ativas em cursos a distância. **Revista Paidei@**, UNIMES Virtual, Volume 15, Número 27, Abr. 2023. p. (deixe em branco). Disponível em: <https://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php/paideia/index>. DOI: 10.5281/zenodo.8198196. Acesso em: